



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A GERAÇÃO DA UTOPIA: A ENUNCIÇÃO DO DESENCANTO

Karen Eloá de Assumpção Pereira

Universidade Estadual de Santa Cruz - Mestrado em Letras

kareneloapereira@bol.com.br

O ato de escolher uma obra literária angolana escrita por um ex-guerrilheiro quase duas décadas após o fim da Guerra Civil, já traz em si mesmo a nossa vontade por investigar as nuances de um texto ficcional marcado pelo desejo de liberdade e pela paixão aguerrida de um povo, que ousou lutar contra a violência imposta pelo colonialismo. A fim de analisar as configurações discursivas apresentadas no decorrer da narrativa *A geração da utopia* (1992), de Pepetela¹, foi utilizada a metáfora da viagem, a fim de transmitir a ideia de um caminho a ser percorrido pelo contexto histórico-cultural de Angola apontado pelo texto ficcional, desde os anos 60, período marcado pelos efeitos do movimento “Vamos descobrir Angola!”, até a década de 90.

Percorrer os rastros deixados pelo caminhar de uma geração de intelectuais e estudantes que se uniram para lutar por um sonho coletivo: tal é a viagem a que nos propomos seguir. As descobertas que porventura se descortinem na rota que escolhemos trilhar, possibilitadas pelo direcionamento dado em *A geração da utopia*, irão compor os registros desta empreitada. Pepetela divide esse romance em quatro partes sequenciadas historicamente: *A casa* (1961), *A chana* (1972), *O polvo* (Abril de 1982) e *O templo* (A partir de Julho de 1991).

Neste capítulo, voltaremos a nossa atenção para as duas partes iniciais. A primeira, *A casa* (1961), situa a narrativa em Portugal, no ambiente em torno da Casa dos Estudantes do Império², espaço de discussão e das primeiras ações de organização do movimento de guerrilha; o momento da euforia, da utopia. A segunda parte, *A chana* (1972), é situada em Angola, numa zona de confronto. Esse é o momento da transição, pois, a partir daí, a narrativa deixa de lado o idealismo que convidava o povo angolano para a luta e mergulha numa disforia sem retorno. Nos trechos destacados a seguir, fica

¹ Pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos.

² Local de apoio aos jovens que chegavam de Angola para estudar em Portugal.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

perceptível a transformação estabelecida entre esses dois seguimentos da obra, influenciada pelos acontecimentos políticos:

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses (Pepetela, 1992, p. 13).

Maldita guerra! Os que a iniciaram abandonaram-na, os outros que se arranjam... Caramba, estou a dizer o mesmo que o povo. Mas é verdade, merda. Ninguém o tinha obrigado, se nela participava era por vontade. Deixa lá disso, sei bem como é isto de ser voluntário: uma pessoa é obrigada, o que dirão os amigos, o que será o futuro? Voluntariado forçado! A esta obrigação chamamos consciência política, nome bonito para nos enganarmos (Pepetela, 1992, p. 161).

Por conta de a ficção mostrar-se tão imbricada com o contexto histórico-político, o nosso olhar foi condicionado a assumir a trajetória de luta pela libertação de Angola como um dos elementos a ser investigado no discurso de *A geração da utopia*. Entretanto, é importante ressaltar que a influência da história política nas produções literárias angolanas está longe de reduzi-las a um estatuto de inferioridade, como a crítica literária europeia costuma rotular.

Segundo Bernard Mouralis, o fato da literatura angolana se mostrar como uma recusa a “um imperialismo cultural que sempre soube enfeitar-se com as máscaras da modernidade e do universal” (1982, p. 194), faz dela uma “contraliteratura”. Para ele, “o protesto contra a situação colonial, a valorização da cultura negro-africana, a neutralização dos diferentes discursos europeus caracterizam inegavelmente um processo de contraliteratura” (1982, p. 203).

Seguindo tal perspectiva, Inocência Mata afirma que os escritores de literatura africana, sabendo das imensas dificuldades enfrentadas por serem de um lugar estabelecido como periférico, fazem com que seus textos contribuam para a valorização e elaboração de uma ideia de nação (2007, p. 01). Sabendo do estatuto de perifericidade a que estão submetidos, é pelo viés do discurso literário que os autores angolanos do pós-colonialismo encontram o caminho para denunciar a crueldade do dominador, fazer profundas análises acerca da condição nacional e procurar dar visibilidade ao universo cultural de Angola. Sobre tal situação, assim discorre Helena Riaúzova:

Compreendendo correctamente a importância que a literatura tem na tarefa da reconstrução nacional, os dirigentes da República Popular de Angola criaram as premissas para esta



“renovação” e “modernização” da cultura nacional. O facto de, decorrido apenas um mês sobre a declaração da independência, quando a situação interna e externa estava ainda longe de estabilizada, ter sido fundada a União dos Escritores Angolanos, atesta categoricamente o importante papel reservado à literatura e à cultura na construção da nova sociedade (Riaúzova, 1986, p. 15).

Com a intenção de fundar uma literatura que expressasse envolvimento com o contexto sócio-político nacional, um dos aspectos mais representativos da angolanidade, muitos escritores angolanos procuraram distanciar as suas produções literárias dos padrões europeus. O subalterno conquista, então, a possibilidade de escrever a sua própria história, recusando o texto estereotipado que lhe foi imposto pelo colonizador, para recuperar a sua cultura. Pensar numa literatura “essencialmente angolana”, conforme afirma Alfredo Margarido, distanciada dos moldes impostos pela cultura eurocêntrica, deixava evidente o caráter combativo que permeava os ideais dos escritores angolanos:

A história da literatura angolana segue em parte a evolução da política da metrópole portuguesa até 1961. Pode, portanto, ser dividida primeiramente em dois grandes períodos, o primeiro testemunhando duma situação de dependência, onde o imaginário, ao mesmo tempo que possui características nacionais próprias, se submetia a modelos estrangeiros. As formas, bem como os conteúdos, eram muitas vezes uma reelaboração dos dados metropolitanos. Poder-se-ia dizer que toda a poesia angolana se referia, quer implícita quer explicitamente, a um modelo europeu. Na segunda fase, que é assinalada pelo nascimento duma consciência nacional cuja contestação do colonialismo era o dado principal, tanto as formas como os temas, se revelam ainda por vezes do modelo colonial, possuíam uma organização própria, essencialmente angolana (Margarido, 1980, p. 331).

Nesse despertar para o combate ao eurocentrismo, os escritores angolanos desse período, que, pelo ideário defendido, já podem ser considerados pós-coloniais, foram impulsionados a recusar e criticar a imagem depreciativa imposta pela ideologia do colonizador. Após longo tempo reproduzindo o mito construído e imposto pela política colonialista, esses intelectuais se recusaram a aceitar que seu povo e sua cultura continuassem sendo relegados a uma subalternidade. Analisando essa figura do colonizado montada pela visão do colonizador, Albert Memmi faz as seguintes afirmações:

Desejado, divulgado pelo colonizador, esse retrato mítico e degradante acaba, em certa medida, por ser aceito e vivido pelo colonizado. Ganha assim certa realidade e *contribui para o retrato real do colonizado*.



Esse mecanismo não é desconhecido: é uma mistificação. A ideologia de uma classe dirigente, sabemos disso, faz-se adotar em grande parte pelas classes dirigidas. Ora, toda ideologia de combate inclui como parte integrante dela mesma, uma concepção do adversário. Ao concordar com essa ideologia, as classes dominadas confirmam, de certa maneira, o papel que lhes foi atribuído. [...] A caracterização e o papel do colonizado ocupam lugar especial na ideologia colonizadora; caracterização infiel ao real, incoerente em si mesma, porém necessária e coerente no interior dessa ideologia. E à qual o colonizado dá seu assentimento, perturbado, parcial, porém inegável (Memmi, 1967, p. 83-84).

Nação que por muito tempo ficou subjugada a todo tipo de exploração por parte do colonizador, Angola passou por experiências de extrema violência, como o tráfico negreiro, a escravatura e a própria imposição da presença dos colonialistas em seu território. Os angolanos responderam a tais experiências, é daí que surgem diversas formas de expressar resistência e protesto, dentre as quais destacamos, para fins de nossa pesquisa, a escrita literária. Ao iniciar a nossa viagem pela linha do tempo delimitada no romance de Pepetela – de 1961 aos anos 90 – mostrou-se necessário, porém, passearmos pela história de Angola antes desse período específico, para uma melhor compreensão do processo político que culminou na revolução.

Quando direcionamos o nosso olhar para a década de 40, após a segunda grande guerra, em 1945, testemunhamos a relação entre os colonos e os angolanos tornar-se ainda mais tensa. Como consequência do profundo empobrecimento gerado pelo longo período de guerra mundial, os portugueses passaram a explorar ainda mais violentamente as ocupações coloniais. Os territórios de maior produtividade, em Angola, foram invadidos e grande parte da sua população migrou para outras áreas, a fim de fugir do trabalho praticamente escravo a que eram obrigados. Nesse contexto identificamos, partindo das informações de Alfredo Margarido, uma geração de escritores preocupada em denunciar a condição de opressão a que a nação angolana estava submetida.

Em 1948, o poeta Viriato da Cruz lança o movimento “Vamos descobrir Angola!”, o qual se configurará como ponto de partida da viagem a que nos propomos implementar. Com o apoio da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), os escritores envolvidos nesse movimento concentraram-se no projeto de resgate e valorização da cultura angolana pelo viés do texto literário. Porém, mais do que um projeto de reação ao apagamento cultural imposto pelo colonialismo, os intelectuais do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“Vamos descobrir Angola!” deixaram explícito um comprometimento político, adotando um discurso contra-hegemônico na tessitura das suas produções literárias. Segundo Laura Cavalcante Padilha:

Começa a ter peso, a partir da década de 50 – década, aliás, que marca profundamente a história geopolítica dos países colonizados – tudo que traz o traço da alteridade angolana, passando a produção literária a vincular-se estreitamente à construção da nacionalidade. [...] Literatura e construção da nacionalidade são as duas faces de uma mesma moeda, cunhada, em um primeiro momento, entre 1948 e 1975, pelas várias gerações de escritores. Nascem, pois, ao mesmo tempo, a moderna literatura, a consciência da nacionalidade e a luta pela libertação, sendo difícil separar os processos estético e histórico que estabelecem entre si significativas interfaces, mesmo depois da independência (1995, p. 138).

O contexto histórico, a situação sócio-política e a expressão literária angolana são, portanto, aspectos profundamente imbricados. A identidade nacional e a literatura apresentaram-se como aspectos indissociáveis, pois os escritores da década de 50, ao buscarem mobilizar o povo angolano para a luta contra o sistema colonialista, o fizeram através do discurso literário. Para tanto, procuraram fundar uma literatura o mais distanciada possível dos moldes europeus, tanto temática quanto formalmente.

Na tentativa de valorizar a cultura nacional, os escritores dessa geração passaram a escrever sobre as questões específicas vivenciadas em Angola, como o combate ao colonialismo e a denúncia à condição de extrema violência a que os negros sempre foram subjugados, desde que os europeus invadiram os seus territórios. Recusando de maneira contundente os padrões europeus, que até aquele momento tinham sido o eixo regulador das produções literárias angolanas coloniais, a poesia e a prosa reconfiguraram-se e começaram a apresentar profundas transformações, não só nas temáticas abordadas, como também na estrutura textual. Segundo Margarido:

Se Viriato da Cruz adopta muitas vezes estruturas poéticas portuguesas, é para as violentar, ao impor-lhes uma construção angolana. A mudança não é somente temática no sentido de que ele tenta encontrar uma construção especificamente angolana no interior das estruturas da poética portuguesa. O recurso ao quimbundo, assim como às deformações fonéticas do português, não são uma tentativa folclórica ou populista mas a busca duma semântica angolana.

O mesmo para Agostinho Neto, cuja poesia nunca procurará um modelo português pois a rima e o metro regulares nunca são utilizados, com um ritmo que é talvez mais profundamente africano que o de Viriato. É que o verso livre não procura uma liberdade um tanto anárquica mas tenta sobretudo reter a síncope e as repetições africanas (1980, p. 339) .



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Os poetas envolvidos com o “Vamos descobrir Angola!” imprimiam em seus poemas um tom vibrante e aguerrido, bem distante da atmosfera bucólica que permeava a poesia europeia. As tentativas pelas mudanças também aparecem na estrutura poética, o que se evidencia ao buscarem deixar de lado a rima e a métrica utilizadas pelos poetas portugueses. Entretanto, tais cuidados em procurar uma identidade nacional por meio da escrita são identificados não só na composição das poesias, como também na elaboração dos textos narrativos, que logo se transformaram em claros convites para a luta anticolonialista, demonstrando, assim, todo o idealismo desses intelectuais.

A fim de recuperar a voz emudecida pela violência e opressão do colonizador, jovens como Viriato da Cruz, Mario de Andrade, Agostinho Neto e Pepetela puseram-se a escrever a história da sua própria nação, através de uma linguagem que, sendo na poética ou na narrativa, procurava subverter o padrão europeu. Fica perceptível, então, que o projeto de luta pela liberdade e descoberta de Angola surgiu para além das fronteiras políticas, históricas e ideológicas, ele atingiu as diversas formas de manifestação cultural, sendo uma delas a representação literária.

Os escritores dessa geração logo ganharam grande repercussão, não somente em Angola, como também entre os estudantes angolanos que residiam em Portugal, pois seus textos foram publicados em *Mensagem*, revista apoiada pela ANANGOLA e que se propunha circular periodicamente na Casa dos Estudantes do Império. Foi nesse momento, ano de 1959, que Pepetela teve seus primeiros contos veiculados em *Mensagem*. Mesmo tendo saído apenas dois números de tal revista, já que fora proibida pelo governo fascista de Salazar, os textos literários apresentados conseguiram chamar a atenção daqueles estudantes para a importância dos ideais revolucionários, o que é registrado em *A geração da utopia* da seguinte maneira:

Vê o livro do Viriato da Cruz. Ele marca a ruptura definitiva com a literatura portuguesa. Utilização da voz do povo, na língua que o povo de Luanda usa. Já não tem nada a ver com tudo o anterior, em particular com os portugueses. A literatura à frente, a expressar o sentimento popular de diferença (1992, p. 90).

O trecho anteriormente destacado dá visibilidade à importância conferida ao povo e a cultura angolana, uma das marcas fundamentais das produções literárias de Pepetela e dos seus contemporâneos. A utilização, na literatura, dos diversos dialetos falados em Angola, por exemplo, configura-se como uma das estratégias para a consolidação de uma expressão lingüística angolana. Mesmo diante da preponderância



da língua portuguesa, procura-se respeitar as marcas dos falares angolanos. “O recurso ao quimbundo”, novamente recorrendo às afirmações de Alfredo Margarido, “assim como às deformações fonéticas do português, não são uma tentativa folclórica ou populista, mas a busca duma semântica angolana” (1980, p. 339).

Embora os portugueses tenham conseguido impor a sua língua entre os angolanos, o desejo desses escritores por expressarem uma angolanidade no texto literário, criou fissuras na estrutura da língua portuguesa, possibilitando, dessa maneira, um discurso híbrido, surgido na fenda aberta entre o falar do colonizador e o do colonizado. Segundo afirmações de Laura Cavalcante Padilha, todo esse processo de busca por uma expressão linguística angolana vai culminar num resgate da tradição oral do passado:

O desejo de reangolanização da dicção literária reencaminha naturalmente o ficcionista para as manifestações da tradição oral [...]

Começa a ter peso, a partir da década de 50 – década, aliás, que marca profundamente a história geopolítica dos países colonizados – tudo que traz o traço da alteridade angolana, passando a produção literária a vincular-se estreitamente à construção da nacionalidade. [...]

Na retomada dos moldes nacionais, a tradição oral vai funcionar como mecanismo transformador dos novos padrões estéticos (1995, p. 138).

Com o objetivo de aproximar o povo angolano da revolução que estava por se organizar, os escritores, a partir dessa fase, buscaram se expressar através de uma linguagem que representasse as vozes oprimidas pelo colonialismo. Quando os responsáveis pelos movimentos de resistência à dominação colonial perceberam que seriam apoiados pelo povo, ficaram certos de que havia chegado o momento de dar início à luta armada pela libertação de Angola, iniciada em 1961 e estendida até 1974.

Por ter sido desenvolvida uma consciência crítica acerca do sistema colonial, movimentos como o MPLA³, o FNLA⁴ e a UPNA⁵, posteriormente transformado em UPA⁶, inspiraram-se principalmente no ideário socialista, organizaram-se com o apoio da população e irromperam-se violentamente contra o colonizador. No entanto, embora buscando um mesmo ideal, a guerra civil pela independência, fomentada por esses

³Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁴Frente Nacional para a Libertação de Angola.

⁵União dos Povos do Norte de Angola.

⁶União dos Povos de Angola.



vários grupos políticos, apresentou-se enfraquecida por causa das discordâncias político-ideológicas e tribais.

Passados os primeiros dez anos da revolução, Angola estava mergulhada em graves problemas sociais, principalmente de ordem financeira e política. Nesse contexto, a literatura teve um papel fundamental, visto que, as produções literárias dessa fase expressavam o desejo por uma unidade no movimento de guerrilha, já que, unidos, ficariam mais fortalecidos para lutar pela tão sonhada independência. Por isso que muitos escritores angolanos, mesmo em plena frente guerrilheira, desenvolveram intensamente a atividade de escrita. É nessa fase que Pepetela escreve *Mayombe*, no ano específico de 1971, romance que já prenunciava as disputas internas da guerrilha, as quais vão ter uma análise mais aprofundada em *A geração da utopia*, como podemos notar nos trechos destacados a seguir:

Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que era uma esperança de futuro. Tudo começou em 15 de Março. Não, antes, em 4 de Fevereiro, houve ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos. Seguiu-se uma repressão terrível em Luanda, falava-se de milhares de mortos entre os nacionalistas. Aí também mistério, quem executara as acções, qual o seu objectivo? Depois foi Março no Norte. Um levantamento contra os brancos, os fazendeiros de café eram mortos e as povoações saqueadas. [...] O certo é que não se sabia mais nada dessa UPA senão que queria expulsar todos os brancos e mulatos de Angola (1992, p. 16).

- Também por isso. E preciso avisar a malta toda para ter cuidado. Também porque recebi uma carta do exterior, não perguntes nem donde nem de quem. Fala-se lá fora dum outro partido.

Olhou para trás e para os lados. O passeio da Avenida era muito largo e tinha pouca gente, podiam conversar à vontade.

- O Mário de Andrade e o Viriato da Cruz é que estão à frente, pelo menos no exterior. Dizem que foram eles que organizaram os ataques às prisões em Luanda. Chama-se Movimento popular de Libertação de Angola, MPLA.

[...]

- Vão mandar-me. Mas o que me escreveu diz para avisar a malta sobre a UPA, é um movimento tribalista do Norte e racista ainda por cima. Nada de bom vem daí. Para já, O Mário e o Viriato são conhecidos, dois grandes intelectuais, oferecem muito mais garantias de seriedade.

- Sem dúvida. Uf! Sinto alívio. Não imaginas que alívio!

- Eu também senti, por isso vim logo avisar. Ter de escolher entre o colonialismo e a UPA, realmente... Bem, a UPA sempre é menos má (1992, p. 22).

As divergências ideológicas mostravam-se evidentes já na fase da organização dos grupos políticos que estavam se formando em prol da consolidação da guerra civil,



fato que só faz se acirrar durante o período de confronto. Além dos conflitos estabelecidos entre os já referidos grupos políticos, existia ainda uma delicada questão da cultura africana a ser superada, o tribalismo, aspecto que fragilizava a estrutura interna dos partidos, como no caso do MPLA, e severamente criticado nos romances de Pepetela.

- Os crimes, os erros... cometidos pelos do Norte. Não por ti, eu sei. Mas os teus patrícios estragaram tudo.

- Manténs a tua posição, não é? Se há uma divisão regional, tudo acaba, quem aproveita é o inimigo. Já estamos fracos, a divisão aniquila-nos. Pensa nessas mulheres e crianças que olham para nós ainda com alguma esperança. Nós éramos os salvadores, os redentores. Como o seremos, se nos combatemos (1992, p. 170)?

As produções literárias angolanas acompanham toda a trajetória histórica e política nacional até aqui mencionada. Por isso, passados alguns anos já como nação independente e encontrando-se Angola numa condição de profunda degradação, nas décadas de 80 e 90, é apresentada uma literatura que procura elaborar um posicionamento crítico acerca das implicações do processo de colonização/descolonização no surgimento de uma outra ideia de nação.

A *geração da utopia* integra o conjunto de obras produzidas nesse momento sociocultural da nação angolana. Expressando um profundo desencantamento ante a situação que passou a se configurar após a conquista da independência, o tecido da sua elaboração discursiva se constrói a partir de uma análise sobre o projeto de nação pensado antes da revolução e a realidade nacional pós-independência. Stuart Hall é um dentre os muitos pensadores que ressaltam a importância de pensar a nação sob essa nova perspectiva. Dentre as suas muitas formulações na área dos Estudos Culturais, Hall defende a ideia de que a nação é formada e transformada continuamente pelos participantes da cultura nacional (2003, p.48-49), essas constantes reformulações pelas quais passa uma nação são desencadeadas pelos *fluxos culturais*.

Assim, Angola é aqui tomada como nação *minada* pelos “fluxos culturais”, por isso *ambivalente, híbrida, rizomática*, segundo categorizações formuladas pelo teórico indiano HomiBhabha. Toda a trajetória de luta da nação angolana pela libertação do jugo colonial é marcada pela participação de vários países, fazendo com que diversas identidades nacionais perpassem pela narração da nação angolana. Segundo Bhabha, “Na produção da nação como narração” resulta o que ele explicará como “uma cisão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente do performativo” (1998, p. 207). É nesse espaço da “cisão entre o pedagógico e o performativo” em que se escreverá a nação.

Nessa perspectiva, é no espaço da rasura e da suplementação (nação performática) que os angolanos conquistam a escrita da sua própria nação, rompendo com o discurso estereotipado e manipulador que o colonizador impõe como modelo a ser assumido (nação pedagógica). Portanto, a elaboração da ideia de nação no discurso literário de *A geração da utopia*, vai sendo apresentada através de uma viagem pelo panorama histórico-cultural de Angola, buscando constantemente subverter a ideia de nação angolana criada e imposta pelo colonizador.

Uma das premissas para o entendimento dos valores que permeiam as obras literárias africanas é a tomada de consciência acerca da ideologia ocidental. A visão essencialista que o colonizador projeta no colonizado, apesar de ter a força da voz do dominador, não se mostra como uma imagem representativa válida, já que, conforme as concepções de Edward Said é apenas uma ideia de Oriente produzida pelo imaginário europeu. “O valor, a eficácia, a força, a aparente veracidade de uma afirmação escrita sobre o Oriente”, afirma Said, “baseiam-se muito pouco no próprio Oriente” (2007, p. 52).

Refletir sobre o conceito de identidade nacional é de fundamental importância, já que, com todos os avanços feitos na contemporaneidade, mostra-se relevante colocar em análise a questão da legitimidade de uma determinada ideia de nação. A célebre expressão *comunidades imaginadas*, difundida por Benedict Anderson, esclarece bem tais posicionamentos. As nações são “mais que inventadas”, conforme Anderson afirma, elas “são *imaginadas*, no sentido de que fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejos e projeções” (2008, p. 10).

Produto da imaginação coletiva e objeto para a representação literária, a ideia de nação em Pepetela vai construindo-se (e reconstruindo-se) no decorrer de toda a narrativa. Tomando como início do percurso ficcional a época da organização dos estudantes angolanos em Portugal, quando o conceito de angolanidade parecia arrebatado por um profundo sentimento de pertença, o discurso em *A geração da utopia* reconfigura-se de forma tal, que o sentimentalismo cede lugar a uma crítica contundente às estruturas de poder.



O filósofo ganês Kwame Anthony Appiah considera que, apesar das concepções que os intelectuais africanos têm em relação à nação tenham tido como mola propulsora as ações do imperialismo, o conceito de nacionalidade em África se reelaborou de uma maneira tão específica, que se transformou “em meio de articular resistência à dominação material dos impérios mundiais e à ameaça mais nebulosa aos pensares pré-coloniais, representada pelo projeto ocidental de domínio cultural” (1997, p. 85-86).

A literatura angolana é, então, uma dentre as muitas estratégias de veiculação desse conceito de nacionalidade, que se coloca como uma proposta de resistência contra o imperialismo. A narrativa *A geração da utopia*, por exemplo, apresenta os discursos politizados e os posicionamentos influenciados por uma intelectualidade anti-imperialista, entremeados pela opinião que o próprio povo formulou sobre a guerrilha. Assim, Pepetela confere voz aos marginalizados, como já havia feito em romances anteriores.

O tempo do romantismo morreu. Como lhe contava o velho Samalanga, em noites de confiança à volta da fogueira:

“A luta veio e agradecemos muito. Já passou muitos dias e não sei quando que a guerra chegou no Muié. Antes ouvimos mujimbos e os primeiros a chegar foram os da Unita, disseram-nos que estavam no Chikolui. Perguntámos: que trouxeram para a luta? Bengalas. Só com bengalas é que vão correr com o tuga? E nós lhe desprezamos, vamos abandonar as nossas casas assim? Estavam a fazer confusão e dissemos, quando vocês aparecerem aqui vamos queixá-los nos tugas. Estão a fazer outra vez guerra de kuata-kuata? Eles foram, nunca mais voltaram. [...]

Os tugas ficaram pior que kisonde. A raiva daqueles carros ainda novinhos que saltaram haka, os presos que apanharam nas matas começaram então a matar com metralhadora na vista de nós. Daí cai no chão, pensei outra vez vou retirar, aqui não dá. Disse à mulher vamos embora. O Pide estava intrujar, me pagava cem escudos por dia como bom pedreiro, não liguei. Vim na mata. Mas afinal foi esta guerra vocês trouxeram, só para o povo morrer? Vale mais acabar com ela.”

O povo assim falava. Como é que ele, intérprete das aspirações populares, ia obrigar as massas a suportar uma guerra que já não queriam (1992, p. 184-185)?

A fala do velho Samalanga expressa todo o desgosto do povo ante os horrores da guerrilha. Pelo início do seu relato, fica perceptível a esperança depositada no movimento de luta pela independência, esperança essa que vai se esvaindo para se transformar em amargura. A utopia que fomentara uma geração de jovens intelectuais para arriscar as suas vidas, em prol da conquista de uma liberdade coletiva e do resgate da identidade nacional, vai sendo desconstruída no decorrer do percurso da narrativa em análise.



- Queres dizer que qualquer nacionalismo provoca racismos ou xenofobias, mesmo o nosso, pelo qual lutamos?
- No nosso caso ou no de África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. Não ponho isso em dúvida. Mas provoca também exclusões injustas. E, se exagerado, leva as sociedade a fecharem-se sobre si próprias e a não aproveitarem do progresso dos outros povos.
- Um casamento entre nacionalismo e internacionalismo, é isso?
- Definiste muito bem. Um casamento harmonioso entre dois contrários antagónicos.
- Mas isso é linguagem marxista.
- Pois é. Resta a saber se essa utopia se pode realizar. Alguns dizem que já a realizaram, com o comunismo (1992, p. 93).
- Não sabia que defendias as teorias da UPA.
- [...]
- Ouve, Vítor, é a única teoria que soube mobilizar populações inteiras para lutar com paus e catanas contra o poderio colonial. Conheces outra melhor?
- Conheço. A que diz que todos os angolanos devem lutar contra o colonialismo, sem massacres de civis, sejam eles quem forem. E que congregue até mesmo os mulatos.
- Utopias! Isso não funciona na prática. Eu sei, são ideias que correm na Casa dos Estudantes. Mas a Casa é dominada pelos filhos dos colonos, sejam brancos ou mulatos. No fundo, querem apenas uma melhor integração no Portugal multi-racial. Todos falam da independência, mas a ideia não é a mesma. E mudar para ficar tudo na mesma, com o português dominando o negro. E tu alinhavas nessas utopias, porque o teu pai não é camponês (1992, p. 97).

No primeiro trecho destacado, observa-se que a fala de Sara acerca do projeto angolano de luta pela independência já traz em si a consciência de ser esse um projeto utópico e põe em dúvida a sua realização. O segundo trecho apresenta o discurso político-ideológico defendido pelo MPLA por meio da fala concedida a Vítor, um dos muitos filhos de angolanos com portugueses que vinham de Angola para estudar em Portugal e moravam na CEI. Vítor fez parte dessa geração da utopia, ele inicialmente defendia todo o idealismo que permeava as primeiras organizações da guerrilha, entretanto, no transcorrer da narrativa, transforma-se em Mundial, um dos guerrilheiros do MPLA, e, como tantos outros, abdica dos ideais políticos em defesa de interesses próprios.

Sendo uma obra pós-colonial, *A geração da utopia* sinaliza, desde o início, para uma crítica ao próprio projeto político-ideológico de independência angolana. Apesar da primeira parte desse romance está voltada para apresentar o momento da utopia, do idealismo, enfim, dos sonhos dessa geração de jovens estudantes, Pepetela já dá as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

nuances do que estaria por vir. A fala de Marta, jovem portuguesa de ideias tidas como anarquistas, aponta para as recorrentes críticas que serão feitas posteriormente a todo o processo de revolução que culminou na independência angolana.

- Tenho de ir, Marta. Deves compreender o gesto do Aníbal libertou-te porque não tem nada para te dar. Esqueces que tem uma revolução pela frente?

- Sei de tudo isso. Mas, que raio, como é que vou esquecer um tipo daqueles, um fora de série? E sabes que mais? Dói-me também saber que ele está errado, que se vai lixar.

- Como assim?

- Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar e libertam quando têm sucesso. Mas por instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefactos que os ditos revolucionários carregam às costas toda a vida (1992, p. 131).

Assim, a viagem pela história de Angola através de uma obra ficcional, situada no período das primeiras organizações do movimento de guerrilha na Casa dos Estudantes do Império até anos após a conquista da independência, convida a uma série de reflexões sobre a nação angolana. Sendo ficcionalizada, a história oficial passa a ser repensada e problematizada, por isso a relação entre história e ficção se complexifica, assumindo novas feições.

A fase de organização da guerrilha, o longo período de confronto armado com os colonialistas e a conquista da independência foram fatos na história de Angola que reforçaram ainda mais o sentimento nacionalista de seu povo. É esse sentimento que faz crescer nos escritores angolanos o desejo por louvar a grandiosidade da sua nação e que se revelou como premissa necessária para a escolha e o direcionamento da nossa rota de viagem, a qual, ao invés de buscar um destino determinado, quer o terreno fluido das indeterminações. Portanto, percorreremos caminhos que não revelam um fim, já que estamos sendo levados a viajar por uma trajetória que não traz a proposta de ser concluída: a da arte.

REFERÊNCIAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte.** Trad. Leandro Konder. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa.** Lisboa: A regra do jogo, 1980.

MATA, Inocência. *A periferia da periferia.* In: **Revista de Língua e Literatura,** Lisboa, Universidade Aberta, 2007.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas.** Trad. António Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX.** Niterói: EDUFF, 1995.

PEPETELA. **A geração da utopia.** Luanda: Editorial Nzila, 1992.

RIAÚZOVA, Helena. **Dez anos de Literatura Angolana: ensaio sobre a moderna literatura angolana 1975-1985.** Luanda: U. E. A., 1986.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Trad. RosauraEichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina